

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CINEMA

REGINA MACEDO DE AZEVEDO

A IMPORTÂNCIA DO PROJETO DE REEDIÇÃO DA REVISTA FILME  
CULTURA NO RESGATE DA MEMÓRIA CINEMATOGRAFICA  
BRASILEIRA

Porto Alegre  
2011

## A importância do projeto de reedição da revista Filme Cultura no resgate da memória cinematográfica brasileira

Regina Macedo de Azevedo

Resumo: Este artigo busca discutir a importância do projeto de reedição da Revista *Filme Cultura*, o periódico de cinema mais longo do país, que surgiu em 1966 como uma iniciativa estatal e seguiu, mesmo que de forma irregular, sua publicação até o ano de 1988, tendo sua publicação suspensa. Em uma iniciativa do CTAv, patrocinada pela Petrobrás, a revista teve sua reedição no ano de 2001, com a proposta de continuar com sua periodicidade trimestral e projeto de manter a discussão da produção audiovisual brasileira, além da disponibilização de seu acervo online e reedição de todas as suas edições em *fac-símile*. Para analisar a importância desta iniciativa de reedição e continuidade de publicação, faremos uma breve análise da importância das revistas dentro do chamado jornalismo cultural, acompanhando algumas mudanças na linha editorial da publicação e discutindo o papel da crítica cinematográfica, usando o trabalho de José Carlos Avellar e Regina Gomes. Utilizando os conceitos de Lee Goff de memória e de Piere Nora de “lugares de memória” e os estudos de Yuri Lotman, busca-se refletir a importância desta iniciativa na cultura cinematográfica discutindo como a importância do resgate da memória no processo cultural.

Palavras-chave: Revistas de cinema, Memória cultural no cinema, jornalismo cultural e revistas

The importance of the project of re-edition of the periodic Revista Filme Cultura for the rescue of the Brazilian cinematographic memory

Abstract: This article discusses the importance of a project whose objective is to re-edit the magazine Revista Filme Cultura, the longest-lived cinema periodical in Brazil, which appeared in 1966 as a State initiative and, even though irregular, continued its publishing until 1988 when it was suspended. Due to the initiative of CTAv and the sponsoring by Petrobrás, the magazine had a re-edition in 2001, on a trimestrial basis, having as its aim the discussion about the Brazilian audiovisual production, besides the access to an online collection and facsimile re-edition of all its magazines. In order to analyze the importance of this initiative, a brief analysis of the importance of the magazine within what is called cultural journalism will be made, looking at some changes in the editorial line of the magazine, discussing the role of movie critics and having as a reference the works of José Carlos Avellar and Regina Gomes. Using the concept of memory by Lee Goff, the concept of “place of memory” by Piere Nora and the studies by Yuri Lotman, we intend to reflect on the importance of this initiative in the cinematographic culture and discuss the importance of rescuing memory for the cultural process.

Keywords: Cinema magazine, cultural memory in the cinema, cultural journalism, magazines

*O que fica do cinema são as relações com o seu tempo que os filmes, simultaneamente, possuem e geram. As revistas de cinema servem como carta de navegação desta cosmografia.*

*(FERREIRA, Juca. Ministro do Estado da Cultura (2008-2010), na abertura dos volumes da edição fac-símile de Filme Cultura)*

## **Introdução**

As revistas de cinema fazem parte do amplo campo que constitui o que se chama de “cinefilia”. A paixão pelo cinema, seja expressa pelo cineclubismo, pela realização audiovisual ou pelo gosto de ver filmes pode ser apreendida pelas publicações da área. Antoine de Baecque, em seu livro *Cinefilia* (2010), destaca que a paixão do leitor acompanha a paixão do espectador. No caso das revistas brasileiras, encontramos peculiaridades como a escassez de títulos e a dificuldade em uma periodização, resultando em uma descontinuidade de edições, conforme estudo do pesquisador Hernani Heffner *Pequena história dos periódicos de cinema no Brasil* (2011). Porém, uma revista em especial se destaca, seja pela sua longa publicação, seja pela representatividade que assumiu desde a iniciativa de seu primeiro número, editada pelo INCE (Instituto Nacional de Cinema Educativo), em 1965: a revista Filme Cultura.

A revista teve sua primeira edição em 1966, tendo tido sua publicação suspensa em 1988. Vinte e dois anos após o último número, em uma iniciativa do CTAV (Centro Técnico do Audiovisual, entidade ligada ao Ministério da Cultura pela Secretaria do Audiovisual) em parceria com o Instituto Herbert Levy, a revista é reeditada. O novo projeto da revista contemplou também o lançamento do *website* e de toda a sua coleção republicada, disponível para consulta *online* e também em edições encadernadas *fac-símile*, condensando mais de 4000 páginas de um testemunho sobre o cinema brasileiro: críticas de filmes, ensaios, pesquisas, entrevistas, perfis, catalogação de diretores brasileiros e internacionais, bem como artigos sobre técnica, produção, mercado, festivais e premiações.

O projeto de preservação da Revista *Filme Cultura*, patrocinado pela Petrobras contou com as seguintes etapas: em seu primeiro módulo, contou

com a preservação da coleção completa, através de microfilmagem e digitalização dos 48 números que circularam entre 1965 e 1988, totalizando cerca de 4000 páginas. Através deste trabalho, todo o material foi disponibilizado via internet, para livre acesso no site do projeto. No segundo módulo, a partir da coleção digitalizada, foi produzida a edição em *fac-símile*, totalizando cerca de 500 páginas com índices cronológicos e onomásticos. No terceiro e último módulo, foram publicados quatro números da revista, com periodicidade trimestral, com a intenção de retomar a publicação da mesma.

Ou seja, mais do que conservar a publicação, a iniciativa devolve à comunidade à revista, seja com a reedição da coleção completa, seja com a disponibilidade do acervo *online*.

Este artigo objetiva analisar a importância da reedição da revista como resgate da memória cultural, utilizando os conceitos de memória e monumento, além de refletir a importância da republicação na promoção da cultura cinematográfica.

### **As revistas de cinema como uma expressão jornalística da crítica cultural**

As revistas de cinema fazem parte do “entorno fílmico”, ou seja, conforme a teoria da recepção, todos os discursos que orbitam ao redor do filme e medeiam a sua recepção.

Segundo historiador francês Antoine de Baecque (2010), uma expressão da cinefilia é a crítica cinematográfica, ou seja, as impressões sobre os filmes. Segundo Baecque, a sua compreensão do que é o cinema se deu através das revistas:

Daí essa crença estranha, defasada, instilada pelo papel impresso, em que a escrita crítica, essa ponta do iceberg da cinefilia, foi um ato criativo de substituição provavelmente tão importante quanto os próprios filmes. Para mim, o prazer do leitor acompanha o prazer do espectador.  
(2010, P.31)

Na abertura de cada edição encadernada *fac-símile* de Filme Cultura, Gustavo Dahl, cineasta, crítico e diretor da revista na época de sua reedição (2010) elucida um pouco desta relação:

Entre 1966 e 1988 o cinema brasileiro ali se reconheceu (referindo à FC). Sua reedição integral preserva esta relação. E se considerarmos passado e presente como uma continuidade, nos ajudará a entendê-los e ver o futuro.  
(Abertura das edições encadernadas *fac-símile* de FC)

Na revista *Filme Cultura* são encontrados artigos, entrevistas e depoimentos de realizadores. Gustavo Dahl elucida qual o principal objetivo de *Filme Cultura*, no editorial de seu número 50, que foi o número da “retomada”: “FC não quer ser “cabeça” nem ingênuo, espaços preenchidos pela academia e pelo consumo. Pretende simplesmente começar a corresponder a esta abrupta invasão do Novo, em um mundo cada vez mais audiovisual”. A Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro reconhece a importância desta iniciativa e elege, em 2010, data da reedição da revista, a “Melhor Iniciativa para a valorização do pensamento cinematográfico” na área de publicações.

Podemos afirmar que a publicação se insere no amplo universo do jornalismo cultural. Como nos elucida Daniel Piza (2004) em seu livro *Jornalismo Cultural*, não há como precisar a data de origem do jornalismo cultural. Na falta de uma demarcação, a revista *The spectator* é uma das primeiras publicações no gênero que se tem registro no mundo, mais precisamente na Inglaterra, em 1711. Entre seus objetivos, estava: “Tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembléias, casas de chá e café” (p.11). Os próprios colaboradores da revista assinavam as matérias por “pseudônimos”, para maior liberdade de expressão. No leque de assuntos abordados, a revista ia desde textos sobre óperas até costumes, tentando tirar o véu de “erudição” dos textos sobre cultura para atingir o grande público. Podemos sugerir, neste momento, a ligação com a proposta da *Filme Cultura*, tentando ampliar o leque de leitores e discutir, no caso, o cinema, como uma arte acessível a todos.

Daniel Piza comenta em seu livro que o jornalismo cultural na Europa foi ganhando campo e tornando-se muito influente em meados do século XIX, acompanhando movimentos como o iluminismo. Já no Brasil, o jornalismo cultural só ganharia força no final do século XIX, representado na figura de Machado de Assis. E, na Europa do final do século, o dramaturgo George Bernard Shaw era um dos principais nomes de destaque, e inseriu uma

renovação na crítica de arte, com seus textos polêmicos e opinativos, buscando na crítica de arte o comprometimento social.

As revistas desempenharam um papel importante no jornalismo cultural do século XX, como nos destaca Daniel Piza:

Em todo momento de muita agitação intelectual e artística do século XX, em toda cidade que vivia efervescência cultural, a presença de diversas revistas – com ensaios, resenhas, críticas, reportagens, perfis e entrevistas (...) era ostensiva.  
(2004,p.19)

A imprensa dialoga com o cinema desde suas origens. Como esclarece Fatimarlei Lunardelli em seu livro *A crítica de cinema em Porto Alegre nos anos 60*:

No caso do cinema, apenas dois dias separam a famosa sessão inaugural do cinematógrafo no *Grand Café do Boulevard des rios*, no dia 28 de dezembro de 1895, dos primeiros comentários na imprensa: “Uma maravilha fotográfica”, comentou o *Lê Radical*, e “a morte deixará de ser absoluta”, saudada *La Poste* sobre o genial invento dos irmãos Lumière (*apud* Avellar, 1982, p.12). A manifestação do profissional de imprensa sobre o cinema insere-se no quadro do “periodismo cultural”, entendido como um conjunto complexo e heterogêneo de meios, gêneros e produtos envolvendo propósitos criativos, críticos ou de simples difusão relacionados à produção, circulação e consumo dos bens simbólicos. (*apud* Carvalhal, p. 62)

Para tentar entender um pouco da cronologia das revistas de cinema no Brasil, nos valem do estudo do pesquisador Hernani Heffner, em seu artigo *Pequena história dos periódicos de cinema no Brasil (2011)*. Segundo o autor, existem publicações seriadas sobre cinema desde fins do século XIX, quase sempre ligadas ao processo de comercialização dos filmes, com forte caráter publicitário. Com o tempo, essa função foi exercida pelos setores de exibição e distribuição e as revistas começaram a ter um caráter mais “independente” e “mais jornalístico”. Porém, o autor destaca:

A grande maioria dos periódicos cinematográficos brasileiros, querendo cumprir uma função mais propriamente jornalística, crítica e mesmo política junto ao mercado e mais amplamente junto à sociedade, nunca alcançou uma maior estabilidade editorial, salvo raríssimas exceções.  
(2011)

Podemos enquadrar a revista *Filme Cultura* como uma dessas exceções. Como nos cita o verbete da *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*:

Revistas como *Cinelândia* e *Filmelândia* deixam de ser publicadas em meados dos anos 60, quando este filão editorial entra em franca decadência. Também as revistas direcionadas para um público mais refinado não conseguem decolar. *Filme Cultura* é a exceção, pois tem continuidade, apesar da falta de periodicidade. (2000, p. 456)

A falta de periodicidade de *Filme Cultura* pode ser relacionada às intensas mudanças pelas quais a revista passou. Segundo dados da Enciclopédia do Cinema, a revista surgiu em 1966, subvencionada pelo INCE (Instituto Nacional de Cinema Educativo) e pelo GEICINE (Grupo Executivo da Indústria Cinematográfica), teve uma mudança em seu financiamento em 1967, passando a ser financiada pelo INC (Instituto Nacional de Cinema).



A primeira edição (1966) e as edições 2 (nov/dez 66), 7 (out/nov 67) e 8 (março de 68)

No editorial de abertura do primeiro número, de autoria do diretor Flávio Tambellini, lemos: “FC se propõe a contribuir para o debate e a informação sobre os diversos problemas do cinema – compreendidos em sua acepção mais ampla – inclusive como comunicação com outros setores da cultura.”

Filme Cultura surge nos anos 60, em um dos momentos de maior efervescência cultural da cinematografia nacional, com o advento do “Cinema Novo”. Por surgir em um contexto de ditadura, a revista foi amplamente criticada, acusada de não dar o devido destaque ao Cinema Novo. Como cita o crítico André Setaro:

A coleção Filme Cultura não deixa de contar um pouco da história do cinema brasileiro e de suas rixas. O seu surgimento se localiza um pouco antes da eclosão dos anos de chumbo da ditadura (que se intensifica sobremaneira a partir da edição do Ato Institucional número 5 de 13 de dezembro de 1968). Nesta época, havia uma polêmica entre os *cinemanovistas* e alguns críticos que os olhavam com reservas, a exemplo do célebre Antonio Moniz Vianna e sua entourage, justamente os que comandavam a redação da Filme/Cultura, e, por extensão, do Instituto Nacional do Cinema (INC), que editava a citada publicação. A revista, portanto, era tida e vista como chapa branca.

(SETARO, André. *Revista dos anos 60/70 volta a circular*. Terra Magazine [online] de 11 de maio de 2010)

Ou seja, o campo da cultura cinematográfica também reflete as lutas sociais e políticas da época. Por ser uma revista editada pelo Estado, Filme e Cultura foi alvo de críticas em suas origens, por sua linha editorial.

Porém, esse contexto muda com a mudança editorial da edição, capitaneada pela Embrafilme. Em 1975, a estatal absorve as funções do INC e *Filme Cultura* passa então para o controle da estatal. A partir do número 28, publicado em fevereiro de 1978, a revista tem o seu formato diminuído e passa a dar cobertura exclusiva ao cinema brasileiro, além do aspecto institucional ser intensificado. Ou seja, a grande mudança editorial e de formato que a revista passou no número 28 nos elucida a importância deste veículo na promoção da cultura cinematográfica, valorizando o cinema nacional.



Edições 28 (fev 78), 30 (ago 78), 31 (novembro de 78) e 33 (maio de 79)

A última alteração radical na revista é na década de 1980, quando a revista é organizada por um conselho de redação, composto, entre outros, por Xavier Neves, Ismail Xavier e José Carlos Avellar, com um caráter mais ensaístico à publicação. Este modelo com pequenas alterações prevalece até 1988, quando acontece a suspensão de sua publicação.



#### **Edições 43 (jan/abril 84), 46 (abril 86), 47 (agosto 86) e 48 (novembro de 88)**

No editorial do número 28 podemos encontrar o seguinte trecho, de autoria do editor responsável, Roberto Farias:

A transformação administrativa por que passou o organismo destinado a praticar a política nacional do Cinema trouxe compreensível retardamento editorial das publicações que o extinto Instituto Nacional do Cinema patrocinava. A Embrafilme, que pelas disposições da Lei nº 6281 está obrigada a desenvolver atividades culturais cinematográficas tem agora, o encargo de manter o necessário ritmo de publicação. (...) Reaparece Filme Cultura, com algumas inovações que nos parecem aconselháveis para atender não só a um sentido de modernidade gráfica e plástica, mas também, ao espírito que deve nortear uma publicação brasileira idealizada.  
(Editorial FC, nº 28)

A edição nº 48, de novembro de 1988, tem a temática “Diretores estreantes – 27 depoimentos sobre a experiência de realizar o primeiro longa-metragem. No editorial desta mesma edição, podemos encontrar o seguinte trecho: “Os diretores estreantes dos anos 80 revigoram um segmento da cultura brasileira que desde a eclosão do cinema novo, na primeira metade da década de 60, não revelava conjunto tão expressivo de novos cineastas.” Toda

a edição é dedicada a entrevistas, contemplando as mais variadas manifestações cinematográficas, desde o cinema do nordeste na entrevista com Pedro Jorge de Castro, até o cinema gaúcho, com entrevistas com Carlos Gerbase e Werner Schunemann. O cineasta Helvécio Ratton elucida um pouco deste espírito em sua fala:

Sempre achei que a força do cinema brasileiro estava na diversidade. Quando o cinema ficou monotemático, ficou se repetindo, ele esvaziou as salas de cinema, perdeu o contato com o público. O cinema tem que expressar a diversidade do Brasil, a força deste país é a diversidade.

(FC edição 48, p. 36)

Em 2001, com o projeto de reedição, a revista volta ao mesmo formato de 1988, além de todo o projeto de conservação, disponibilização do acervo *online* e cópias *fac-símile*.



O número da retomada, 50 (abril 2010), 51 (julho 2010), 54 (maio 2010)



A coleção disponibilizada em *fac-símile*

Para entender o gosto do leitor pelas revistas de cinema, é necessário abordar brevemente qual o papel da crítica cinematográfica. José Carlos Avelar, em seu texto *Três hipóteses para criticar a crítica (2008)* remonta a origem das críticas do cinema relacionando-as à crítica literária:

Muito provavelmente, a crítica de cinema surgiu tal como em algum lugar do passado deve ter nascido a crítica de literatura (de música, de teatro, de pintura, a crítica de arte enfim): um dia alguém decidiu escrever sobre ficção em vez de fazer ficção: produzir literatura do ponto de vista do leitor de literatura. (...) Leitura ativa, parte do processo gerado pela obra para fazer do leitor/espectador um participante ainda mais empenhado no que toda obra de arte solicita ao espectador/leitor: sua constante reinvenção por meio de um gesto criador como o que impulsionou a feitura da obra.  
(2008, p. 59)

Regina Gomes em seu artigo *Crítica de cinema: história e influência sobre o leitor (2006)* também nos elucidam mais sobre o surgimento no mundo da crítica em cinema, destacando que seu aparecimento foi um tanto tardio: “Os filmes eram vistos exclusivamente como mero entretenimento, espetáculos da cultura de massa em oposição à alta cultura e, uma vez assim, desprezados pelos intelectuais.” Em meados do século XX, como uma herança dos estudos literários, a crítica de cinema começa a ganhar campo. Após a Segunda Guerra Mundial, as revistas começam a ganhar destaque, principalmente na Europa – gerando referenciais como a *Cahiers du Cinema*, que influenciou gerações e estimulou novos movimentos no cinema – como a *Nouvelle Vague*. A consolidação das revistas de cinema é ligada ao reconhecimento do cinema como arte.

Podemos discutir a importância da crítica analisando a influência dela sobre os seus leitores. Como nos explica Regina Gomes:

Não há dúvida de que a crítica de cinema exerce força persuasiva que condiciona os leitores a um determinado modo de interpretação do filme que está sendo avaliado. Vários fatores têm peso nesse processo e esta “influência” ou “condicionamento” não transforma o leitor num mero boneco articulado e passivo, mas situa-o numa perspectiva de “entre lugares”, entre a emancipação e o condicionamento.  
(2006)

Dentro dos discursos jornalísticos, muitas vezes um texto fílmico pode carregar juízos de valor que condicionam a recepção do espectador. Dentro de uma sinopse de um filme, até mesmo o modo de descrever uma história pode influenciar – tanto positivamente quanto negativamente – para o espectador fazer o juízo do filme. Aqui, destaca-se ainda a produção da Revista *Filme Cultura* pela sua variedade editorial: por contar com textos não apenas de críticos de cinema, mas também entrevistas com realizadores e textos acadêmicos, dão um amplo leque de possibilidades e “leituras” sobre os filmes e a produção cinematográfica. Deve-se destacar a diferença entre a crítica diária que se encontra na grande mídia e o papel de uma revista especializada, que busca discutir a produção cinematográfica em vários contextos diferentes, como é *Filme Cultura*.

### **Filme e cultura como um projeto de resgate da memória cultural: um monumento**

Definir exatamente o que seja memória é uma tarefa complexa, devido ao seu caráter multidisciplinar. A memória é alvo de estudo desde a psicologia até a fisiologia, e também no campo das ciências sociais e da comunicação. Pensando a memória dentro do campo da comunicação, podemos nos valer de sua função social, conforme esclarece FLORES apud Le Goff: “Trata-se da comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo. Aqui, intervém a linguagem, ela própria produto da sociedade” (2003, p.421).

Linguagem e memória, portanto, são conceitos intrinsecamente ligados. Le Goff utiliza o autor francês Henri Atlan, em seu livro *Conscience et désirs systèmes auto-organiseurs* para explicar a relação dos próprios processos cognitivos de memória à linguagem: “Antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória” (p.421). É desta forma que a memória pode sair do limite físico de nossos corpos e materializar-se, seja em livros, publicações ou documentos.

O processo de retomada da memória se vale do advento da imprensa, que muda as formas de registro e, de certa forma, documenta o passado histórico. Evoca-se, portanto, o conceito de memória coletiva. Le Goff utiliza-se do estudo de Leroi-Gourhan, *Le geste e le parole* para elucidar esta questão: “A memória coletiva tomou, no século XIX, um volume tal que se tornou impossível pedir à memória individual que recebesse o conteúdo das bibliotecas (p.461) “ Ou seja, na incapacidade de guardar todas as formas de registro, passa a ser questionado o que deve ser conservado e o que deve ser excluído.

Para esta discussão, usaremos o trabalho de Pierre Nora (1993) que propõe o conceito de “lugares da memória”. A problemática dos “lugares de memória” foi discutida em seu artigo intitulado *Entre memória e história – a problemática dos lugares*:

Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais. A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular de nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória.

(1981, p.1)

Nora destaca o caráter vivo da memória, uma vez que ela é carregada por grupos vivos, em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais.

(1981, p.3)

Le Goff também destaca que a luta pela memória está ligada às lutas sociais:

Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante, enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em via de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.  
(2003, p. 469)

Podemos conceituar a revista *Filme Cultura*, aplicando o conceito de Le Goff de “monumento”:

A palavra latina *monumentum* remete à raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa “fazer recordar”, de onde “avisar”, “iluminar”, “instruir”. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas raízes filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos.  
(2003, p. 526)

Podemos também pensar na preservação da memória pelo seu viés cultural. Jerusa Pires Ferreira, em seu texto *Cultura é memória*, se vale do estudo do semiólogo Yuri Lotman para elucidar essa questão. A autora explica que Lotman, caracteriza o processo comunicacional, a transmissão da informação como cultura inscrita na chamada memória coletiva. Segundo Lotman, a cultura é um mecanismo organizado, de modo extremamente complexo, que conserva as informações, que codificando e decodifica as mensagens (textos), traduzindo-as a um outro sistema de signos. Neste sentido, traduzir um certo setor da realidade em linguagem, transformá-la em um texto, isto é, em uma informação decodificada de um certo modo, introduzir essa informação na memória coletiva, é um ponto fundamental. Para o autor, a cultura se dirige contra o esquecimento, na dialética onde alguns textos são esquecidos e outros mantidos (dialética):

Toda cultura se cria como um modelo inerente à duração da própria existência e à continuidade da própria memória, no sentido em que todo texto contribui tanto para a memória quanto para o esquecimento. (apud FERREIRA, 1995, p. 118)

A cultura, portanto, também trabalha em movimento oposto, excluindo determinados textos. Para Lotman, a história intelectual da humanidade é a luta pela memória. Podemos então sugerir que a iniciativa do projeto de reedição da revista *Filme Cultura* é uma ação de resgate de memória cultural, uma vez que o periódico nos dá o panorama de mais de 20 anos de uma publicação impressa em cinema.

### **Considerações finais**

Embora tenham sua fundamental importância, sendo um monumento da cultura cinematográfica, as revistas de cinema no Brasil ainda são muito pouco estudadas, como nos elucida Hernani Heffner: “O conjunto de publicações sobre cinema editadas no Brasil apresenta-se, na verdade, mal conhecido, minimamente preservado e pouquíssimo estudado”.

A iniciativa de reedição de *Filme Cultura* e a disponibilização de todo o seu acervo, tanto em cópias *fac-símile* quanto online é uma iniciativa de resgate da memória cinematográfica do periódico mais longevo do país. O projeto, viabilizado pela lei Rouanet (Lei nº 8313/91) demonstra que um dos papéis do estado, em especial do Ministério da Cultura, é atuar na conservação e preservação da cultura cinematográfica nacional.

Por ser uma publicação mantida pelo estado, *Filme Cultura* apresentou diversas linhas editoriais, devido aos diversos órgãos que a mantinham. A descontinuidade de publicação da revista em 1988, que mais tarde culminou no fechamento da Embrafilme, que era a responsável pela sua edição na época, reflete uma lacuna deixada pela desvalorização da produção nacional, que também pôde ser sentida na própria produção audiovisual brasileira.

Em um especial momento em que a cinematografia nacional vive, com produções reconhecidas não apenas no Brasil (o filme *Tropa de Elite (2008)*, por exemplo, segundo dados do portal filme B, bateu recordes de bilheteria no

país com uma arrecadação maior do que filmes estrangeiros do mesmo período) como também no exterior (o mesmo filme foi premiado com o urso de ouro no Festival de Berlim em 2008) demonstram a riqueza e qualidade da produção nacional. Um veículo como *Filme Cultura*, neste contexto, inscreve-se como de fundamental importância como espaço de discussão e valorização da produção nacional.

E a produção nacional tem a sua história representada nos diversos números de *Filme Cultura*. O material, que soma mais de 4000 páginas de entrevistas, relatos, entrevistas com realizadores, críticos e matérias dos mais diversos assuntos contemplando a valorização da cultura cinematográfica, representa a cultura cinematográfica nacional durante décadas.

A reedição do material contempla, conforme nos elucidava Pièrre Nora, a inscrição da memória, uma vez que a memória não existe mais, existem os chamados “lugares de memória”. A reedição do material, portanto, contempla o cinema brasileiro, o que reforça a identidade do cinema nacional.

## REFERÊNCIAS

- AVELLAR, José Carlos. **Três hipóteses para criticar a crítica**. In: JÚLIO, Júlio, A crítica e a crítica. Festival de Cinema de Gramado, 2008.
- BAECQUE, Antoine de. **Cinefilia: invenção de um olhar, história de uma cultura**. São Paulo, Cosac Naify, 2010.
- FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura é memória**. Revista da USP, São Paulo, páginas 114-120, dezembro/fevereiro de 1994.
- GOMES, Regina. **Crítica de cinema: história e influência sobre o leitor**. Crítica Cultural, volume 1, número 2, jul/dez 2006.
- HEFFNER, Hernani. **Pequena história dos periódicos de cinema no Brasil**. Disponível em <http://www.filmecultura.org.br>. 2010
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo, Editora da Unicamp, 2010.
- LUNARDELLI, Fatimarlei. A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 60. Porto Alegre, Secretaria Municipal da Cultura/Editora da UFRGS, 2008.
- NORA, Piere. Revista Projeto História, do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUCSP, 1981, nº10, dezembro de 1999.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo, Ed. Contexto, 1994.

Consulta às edições *fac-símile* de Filme Cultura

Site da revista: [www.filmecultura.org.br](http://www.filmecultura.org.br). Consultado em novembro de 2011.

Matéria da revista Terra Magazine de André Setaro: Revista dos anos 60/70 volta a circular. Disponível em

<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4424071-EI11347,00->

[Revista+dos+anos+volta+a+circular.html](http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4424071-EI11347,00-Revista+dos+anos+volta+a+circular.html). Consultado em novembro de 2011.